XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Desenvolvimento e desigualdades em Amartya Sen.

Barby de Bittencourt Martins.

Cita:

Barby de Bittencourt Martins (2009). *Desenvolvimento e desigualdades em Amartya Sen. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/503

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

Desenvolvimento e desigualdades em Amartya Sen

Barby de Bittencourt Martins[1]

Introdução

O presente trabalho buscou analisar as idéias de Amartya Sen sobre a temática do desenvolvimento, além de identificar o espaço dedicado à questão da desigualdade em sua perspectiva teórica.

Amartya Kumar Sen é um economista indiano que foi laureado com o Nobel em Economia de 1998 por sua contribuição à economia do bem-estar social. Foi um dos principais integrantes da equipe que elaborou o Índice de Desenvolvimento Humano e sua teoria está amplamente difundida dentro do campo acadêmico, como nas agências internacionais de fomento ao desenvolvimento, assim como em órgãos governamentais.

[11] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Correio eletrônico: barbymartins@pop.com.br

Sen surge com uma perspectiva de desenvolvimento até então nunca vista e parte de uma abordagem denominada por ele como abordagem das capacidades. De acordo com ele, o desenvolvimento deve ser visto como liberdade, sendo esta considerada tanto como fim quanto como meio para o desenvolvimento. O bem-estar, objetivo do desenvolvimento, reside na liberdade, na capacidade de ser livre para poder escolher, fazer ou deixar de fazer coisas que se queira, reside na obtenção da condição de agente de sua própria vida.

As idéias dele modificaram os rumos do debate sobre desenvolvimento. Pois, até então, a atenção era centrada nos meios do desenvolvimento e pouco em suas conseqüências. Acreditava-se que o crescimento econômico serviria como instrumento fundamental ao desenvolvimento sócio-econômico e todas as políticas iam nesse sentido.

No entanto, após um longo período de crença no crescimento econômico, foi possível notar que a riqueza de um país não garante o bem-estar de sua população. Era necessário prestar mais atenção a outras dimensões que poderiam afetar no bem viver das pessoas, então, pela primeira vez, surge a preocupação com as conseqüências do desenvolvimento.

AMARTYA SEN E O DESENVOLVIMENTO

Convidado por Mahbub ul Haq para compor o grupo que viria a construir um conceito novo sobre desenvolvimento e lançar o IDH, Sen é o responsável pela mudança da postura de análise do PNUD. Os relatórios anuais apresentados pelo programa se utilizam da abordagem do desenvolvimento humano, creditada à Sen. (FUKUDA-PARR, 2002)

Tanto Mahbub quanto Sen entendiam que o desenvolvimento deveria “ser medido” de uma maneira mais complexa, com indicadores de vários aspectos, porém, não acreditavam que a demonstração desses indicadores pudesse retirar o monopólio da renda *per capita*, pois quando na busca de uma maneira simples de verificar o desenvolvimento as pessoas tenderiam a retornar ao PIB e à renda *per capita*. (VEIGA, 2005) Mas, foi ao acreditar que esse índice poderia despertar o interesse dos usuários a consultar a variedade de tabelas que está por trás desse indicador, que eles acreditaram na idéia do mesmo.

A partir de então, em 1990, os *Relatórios de Desenvolvimento Humano*, publicados anualmente pelo PNUD, além da divulgação do IDH dos países, trazem uma concepção e uma abordagem de desenvolvimento baseadas em Sen e Mahbub. Isto é, onde o desenvolvimento só é visto como tal quando “[...] *os benefícios do crescimento servem à ampliação das capacidades humanas, entendidas como o conjunto das coisas que as pessoas podem ser, ou*

fazer, na vida." (VEIGA, 2005, p.85) Dentre essas coisas, as mais elementares são ter uma vida longa e saudável, ser instruído, ter acesso aos recursos necessários a um nível de vida digno e ser capaz de participar da vida da comunidade.

A construção do IDH colocou Sen e suas idéias para o primeiro plano do debate mundial sobre desenvolvimento. Mesmo sendo este índice alvo de muitas críticas.

O fato de que não possuir a representação da capacidade de participar nas decisões da comunidade, uma das capacidades básicas defendidas pelo PNUD, já demonstra uma das falhas do índice. Algo que levou o programa a elaborar um índice de liberdade política em 1991, mas que não teve muito sucesso devido à dificuldade de apreender quantitativamente essa dimensão. Por resultar de uma média simples dos três componentes (renda, escolaridade e longevidade), o autor lança a dúvida sobre essa medida, questiona se realmente ela pode revelar o grau de desenvolvimento de uma determinada coletividade. (VEIGA, 2005)

Além disso, por causa desta metodologia, podem ocorrer distorções na utilização dos dados. Lugares que possuem uma riqueza notável, mas não é revertida em bem-estar da população podem apresentar um IDH alto e, desta forma, pode estimular a continuidade da crença de que o crescimento econômico é sinal de desenvolvimento.

Entretanto, o PNUD admite que o IDH é apenas um ponto de partida, serve como atrativo para a verificação de outros dados que estão presentes nos seus relatórios. E, apesar das críticas, ele tornou-se referência quando se fala em desenvolvimento.

Em *Desenvolvimento como Liberdade*, Sen defende a idéia de que o desenvolvimento deve ser visto como um processo de expansão das liberdades, onde a liberdade é o meio e fim para o desenvolvimento.

Para ele, a persistência da pobreza e das necessidades elementares não satisfeitas, as fomes coletivas e crônicas muito disseminadas, a violação das liberdades políticas elementares e formais básicas, a negligência diante da condição de agente das mulheres e de seus interesses e, as ameaças ao ambiente e à sustentabilidade da vida econômica e social das pessoas são as privações que é preciso superar para o exercício do desenvolvimento.

Segundo Sen, para superar essas privações, a ação individual é essencial e por isso a liberdade se torna o fim prioritário e, ao mesmo tempo, o meio principal do desenvolvimento. "*O desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente*." (SEN, 2000, p.10)

Para ele, o ponto de partida de sua abordagem é a identificação da liberdade como principal objeto do desenvolvimento. Como também, a análise integrada das atividades econômicas, sociais e políticas. Pois, de acordo com ele, há liberdades que reforçam umas às outras e por isso, elas devem ser analisadas levando em conta suas interações. Como um exemplo disso, ele cita o caso das liberdades políticas que ajudam a promover a segurança econômica ou, as oportunidades sociais, que facilitam a participação econômica. (SEN, 2000)

"Se a liberdade é o que o desenvolvimento promove, ele diz, *então existe um argumento fundamental em favor da concentração nesse objetivo abrangente."* (SEN, 2000, p.17) E as razões que ele argumenta pela escolha desse objetivo é a questão avaliatória e da eficácia.

A questão avaliatória tem a ver com a avaliação do processo de desenvolvimento, ou seja, a liberdade é importante para servir como medida de avaliação do desenvolvimento. E, a questão da eficácia está relacionada com o fato de que a eficácia do processo depende da ação livre das pessoas. Dessa maneira, ele mostra que a liberdade é imprescindível como meio e fim. (SEN, 2000)

Adotar a liberdade como medida padrão do desenvolvimento se mostra um objetivo um tanto quanto inatingível e, de certa forma, confirmou-se quando da elaboração do IDH e da tentativa do PNUD de lançar medidas de liberdade política. O quanto do aspecto da liberdade pode ser apreendido quando se analisa os dados de alfabetização, longevidade e renda per capita?

O que Sen quer dizer quando sugere o conceito liberdade? Em sua obra, este conceito possui uma plasticidade tal, que fica de difícil delineamento. Domingues (2003) até levanta esse ponto quando fala da confusão feita por Sen dos seus conceitos de liberdade e capacidade, onde a linha que separa suas definições é tênue e, por vezes, parece não existir.

Sen (2000) faz uma diferença entre o papel constitutivo e o papel instrumental da liberdade. O primeiro relaciona-se à importância da liberdade substantiva no enriquecimento da vida humana, o fim primordial do desenvolvimento. Quanto ao segundo, refere-se ao modo como as diferentes modalidades de liberdades podem ajudar na expansão da liberdade humana geral.

Dentre as liberdades instrumentais que ele julga necessárias para o processo, ele cita as mais elementares: *as liberdades políticas, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora.* E estas cinco espécies de liberdade ligam-se umas às outras e com o fim último que é a liberdade humana num todo. (SEN, 2000, p.11 e 55)

Segundo Sen, essas liberdades se complementam e se interligam. Um exemplo dado por ele é o fato de que o crescimento econômico, além de aumentar os rendimentos privados, permite uma maior acessibilidade a serviços sociais; por outro lado, as oportunidades sociais como a educação ou o acesso a serviços de saúde contribuem para o desenvolvimento econômico. (SEN, 2000)

Depois de justificar o uso das liberdades como objeto do desenvolvimento e apresentar as liberdades instrumentais fundamentais para o processo, Sen faz questão de diferenciar sua abordagem da dos utilitaristas, dos libertários e da teoria da justiça de Rawls. Ele parte de uma abordagem, denominada por ele como a abordagem das *capacidades*, onde a abordagem avaliativa se dá por meio das *liberdades concretas*.

Ora, nesse momento é possível encontrar, novamente, Sen fazendo uma certa mistura entre as capacidades e as liberdades, quando vincula a forma avaliativa da abordagem das capacidades às liberdades. Algo explorado por Domingues (2003, p.63).

Enfim, Sen permanece ao longo de sua obra se remetendo aos conceitos de liberdade e capacidade de maneira a não deixar explicitamente claro quando se refere a um ou outro e, dessa forma, ele parte par uma análise do papel de várias questões temáticas dentro do processo de expansão das liberdades.

Os mercados e o Estado também não foram esquecidos em sua obra. Em um capítulo específico, ele apresenta os papéis destes no processo. Sen dá uma importância crucial para o mercado, pois ele pode ser libertador em vários aspectos, independente do que o mecanismo de mercado vier ou não a realizar no que tange a rendas.

Todavia, é necessário examinar as conseqüências: quando se lida com problemas de equidade e carências severas, a intervenção social pode ter um papel importante. O papel do Estado deve se restringir a esses proventos referentes à saúde pública e bem-estar social, pois no que tange a investimentos para gerar desenvolvimento, Sen se mostra cético e argumenta nesse sentido.

A democracia também tem um papel importante na expansão das liberdades. De acordo com a análise de Sen (2000), não há como imaginar o desenvolvimento sem que haja democracia, a expansão das liberdades requer liberdade política, assim como, a condição de agente também. Ele aponta três aspectos fundamentais da democracia, o de ter importância por si só para a vida humana, por ter um papel instrumental para a defesa das reivindicações das pessoas e por seu papel construtivo na conceituação de “necessidades”. Além disso, a democracia deve ser vista como um leque de oportunidades.

Por fim, na apresentação de sua tese sobre desenvolvimento, Sen (2000) admite a presunção universalista que a liberdade como princípio fundamental de sua tese, apesar de respeitar e reconhecer a importância das diversas culturas dentro do processo para o desenvolvimento. E, além disso, a expansão das liberdades deve ser vista como a expansão das responsabilidades individuais, ou seja, ela não pode ser vista de maneira inversa, como poderiam pensar alguns críticos.

AS DESIGUALDADES EM SEN

Sendo um autor que conseguiu reunir tantos aspectos outrora esquecidos nas teorias sobre desenvolvimento, seria de se esperar que ele não deixasse de lado uma questão essencial como a das desigualdades. Afinal, exigir como prioridade as liberdades individuais poderia acarretar grande discussão a respeito da igualdade e, dessa forma, das desigualdades que poderiam surgir advindas da excessiva concentração nas liberdades.

Entretanto, em sua obra que trata especificamente sobre desenvolvimento, Sen dedica pouco de sua atenção a essa dimensão. Após publicar um trabalho sobre as desigualdades intitulado *Desigualdade Reexaminada*, se poderia esperar que em *Desenvolvimento como Liberdade* Sen reservasse um capítulo dedicado a essa questão. Contudo não é isso que ocorre, ele apenas retoma, em alguns pontos, as mesmas idéias lançadas na primeira das obras.

Em *Desigualdade Reexaminada*, ele faz um reexame conceitual acerca da questão sobre desigualdades. Segundo ele, o fenômeno se explica através de dois mecanismos principais: *capacidades* e *funcionamentos*. As capacidades são possibilidades de escolha, isto é, poderes para fazer ou deixar de fazer algo. Estão relacionadas com acessibilidade aos recursos. Porém para a utilização destes recursos e, fundamentalmente, para a conversão desses recursos em bem estar, as habilidades e talentos individuais são muito importantes. Já os funcionamentos estão relacionados com os estados e ações que uma pessoa consegue realizar vivendo de algum modo.

O “senso comum” direciona a sociedade a defender a igualdade entre todos os indivíduos. Porém, devido à diversidade humana, quando se quer igualdade em termos de uma variável (raça, classe social, idade, sexo...) inevitavelmente depara-se com a desigualdade em termos de outra variável. Para Sen (2008), a análise desta problemática é imprescindível na compreensão da igualdade bem como da desigualdade.

Neste sentido, se faz necessário, em um estudo científico da desigualdade, lidar com a diversidade de foco na avaliação dos mecanismos geradores desta desigualdade. As diferentes exigências da igualdade refletem diferentes visões sobre o que é valorizado, material ou simbolicamente, em um contexto.

Para ele, a desigualdade de renda e propriedade não deixa de ser importante, mas de modo algum é a dimensão principal na análise das desigualdades. (SEN, 2008). A perspectiva seniana vai desenhando uma abordagem em que sustenta uma mudança de paradigma, onde as desigualdades deixam de serem vistas sob a ótica da renda e passam a serem vista através das capacidades dos indivíduos de realizarem os funcionamentos que valorizam.

Apesar de tratar extensivamente sobre a temática nesta obra, quando Sen (2000) escreve sobre desenvolvimento, ele não dedica muito à questão das desigualdades. Quando disserta a respeito da importância dos mercados, ele tange na questão das desigualdades, mas apenas cogita a necessidade da intervenção social no caso de carências e pobreza severas.

E quando fala da pobreza, chama a atenção para o fato de que as desigualdades profundas não são socialmente atrativas e podem minar a coesão social. Porém, algumas tentativas de eliminação das desigualdades podem gerar perdas para a maioria, se não levarem em conta algumas considerações agregativas – remetendo a uma discussão de ordem econômica e extensa presente em Desigualdade Reexaminada. (SEN, 2000)

Conquanto sua preocupação com a desigualdade na obra mencionada, não parece que este tema tenha uma importância capital quando o assunto é desenvolvimento. Sabe-se que as políticas de desenvolvimento são na sua maioria voltadas para o investimento econômico e estímulo ao crescimento. Porém, as conseqüências que estas políticas podem resultar se enquadram em um leque de possibilidades que podem agravar o problema das desigualdades.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA DE SEN

Apesar de defender a expansão das liberdades, inclusive a política, em alguns pontos de seu discurso, Sen apresenta uma posição bem capitalista. Porém, este é um sistema que não comporta o igual direito de liberdade a todos, a não ser no que tange à liberdade de mercado e, mesmo assim, nem todos compartilham desta liberdade e o próprio Sen assume isto.

Então, que posição pode ser dada a Sen? Liberal ou igualitário? Pode ser que Domingues (2003) já tenha respondido essa questão quando, em seu artigo sobre a obra de Sen, atenta para o fato de que ele constrói uma teoria deficitária, abarcando conceitos como de liberdade, igualdade e capacidade sem de fato articular de maneira clara esses conceitos com a problemática em questão, além disso, faz de tal maneira a diluir os conceitos de liberdade e igualdade.

Domingues (2003) faz uma crítica ácida aos textos de Sen. Para ele, duas opções se apresentam quando da leitura dos textos do economista: ou Sen está apresentando uma tese sintética e brilhante, exposta elegantemente ou, uma tese muito simples e mal argumentada, embora esta última pareça ser injusta perante o aparato conceitual de Sen. Isso porque, segundo ele, Sen insiste em textos prolixos cujas formulações conceituais se apresentam de forma abstrata e pouco definida, como é o caso dos conceitos de liberdade e capacidades. (DOMINGUES, 2003)

Outra questão surge também, o que é capacidades para Sen? No glossário de sua obra, o autor coloca que o conceito das capacidades não pode ser visto como o conceito ordinário sobre capacidades. Capacidade é um termo seniano e que abrange “oportunidades”, não significa o mesmo que capacidade no sentido ordinário do termo, que vem do “ser capaz” de fazer algo, pois nesse sentido, ser capaz não implica oportunidades. Isto é, alguém pode ser capaz de fazer algo, mas não ter a oportunidade de fazê-lo. (SEN, 2008)

Já o termo funcionamento, cuja tradução melhor é dada em outro artigo do autor – onde é traduzido por efetivações (SEN, 1993), se trata do conceito mais primitivo da abordagem das capacidades, cuja definição serve para construir outros conceitos e refere-se a atividades ou estados de existência ou ser. (SEN, 2008)

Mas surge a questão: como se dá a operacionalização dessa abordagem que Sen apresenta de maneira um pouco abstrata e até mesmo de difícil compreensão? Como apreender os conceitos que ele propõe na prática?

A contribuição de Sen, de acordo do Fukuda-Parr (2002), está nos aspectos avaliativos que sua teoria influenciou na abordagem do desenvolvimento humano, dando forte ênfase aos direitos humanos, as liberdades e ao poder de agência dos indivíduos. A construção do IDH levou em conta essas capacidades, segundo ele. No entanto, é possível questionar se realmente esse índice pode representar as capacidades das pessoas e o poder de agência das mesmas. Uma crítica já levanta da por Veiga (2005), é a dificuldade patente de quantificar adequadamente aspectos tão complexos do desenvolvimento. Além do mais, a média aritmética dos três componentes que resulta do IDH, constitui o principal defeito do mesmo.

Apesar de Fukuda-Parr acreditar que no IDH estão traduzidos os conceitos de Sen, é difícil de visualizar os complexos esquemas teóricos dele nesse índice. Talvez, como o próprio Sen admitiu, o IDH seja o ponto de partida para a busca de outros aspectos para o debate, como a liberdade política e humana em geral. Afinal, esses constituem o objetivo do desenvolvimento.

Outra questão que incomoda o leitor das obras de Sen é o fato de ele conseguir defender a expansão das liberdades substantivas a todos e, ao mesmo tempo, defender a liberdade de mercado, algo que para ele é fundamental e se enquadra em uma das liberdades essenciais.

Para Martins (2002), a igualdade na sociedade capitalista reside apenas na igualdade jurídica, pois sem a igualdade não há contrato – base da sociedade capitalista. O que não é um absurdo, pois além da igualdade no papel, onde é possível enxergar a igualdade na sociedade atual? A igualdade de oportunidades numa sociedade do contrato, como vista por Martins, parece uma utopia, pois o desenvolver do capital faz com que formas cada vez mais perversas de privação surjam e perpetuem as desigualdades.

Para Sen não existe paradoxo entre a liberdade e a igualdade. Em um curto espaço de seu livro, ele até mesmo questiona o estranhamento por parte de libertários e igualitários enxergarem uma dicotomia nessa relação. Segundo ele, é preciso sustentar que a relação entre liberdade e igualdade é de complementaridade, enfim, que a importância de uma complementa a da outra e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança de perspectiva no debate sobre desenvolvimento está essencialmente ligada ao nome de Amartya Sen. Responsável pela introdução da dimensão humana ao processo, ele propõe uma nova abordagem ao tema.

Após ter dedicado muito de sua atenção a este tema, se esperava que *Desenvolvimento como Liberdade* ele reservasse mais espaço a essa questão. Afinal, as conseqüências do projeto de desenvolvimento existente até então foram desastrosas e influenciaram diretamente no aumento das desigualdades sociais. Contudo, Sen parece não se preocupar nisso quando fala em desenvolvimento.

A idéia de Sen de que é necessário encarar o desenvolvimento como processo de expansão das liberdades substantivas das pessoas, eliminando as privações que limitam as oportunidades dos indivíduos exercerem seu poder de agente é de fato sensacional. Entretanto, a adoção de uma dimensão tão fugaz como aspecto central do processo se mostra de difícil operacionalização.

Além das críticas, outra questão que surge acerca da teoria de Sen é a relação paradoxal entre a igualdade e a liberdade e que não é analisada por ele.

Defender a expansão das liberdades e não reservar um considerável espaço de sua análise para comentar sobre essa relação e, ainda asseverar de que não há tensão na relação entre esses dois valores, é uma atitude questionável. A responsabilidade individual juntamente com a liberdade é um elemento que poderia ter sido mais explorado por Sen. A igualdade dentro do sistema capitalista é algo impensável.

No entanto, pode-se pensar nas idéias de Sen sendo aplicadas no que se refere a políticas de educação e saúde, cujos resultados podem sim, influenciar um aumento da capacidade dos indivíduos reverterem suas rendas em bem-estar. Políticas estas, que podem, de acordo com ele, serem implementadas sem a necessidade de esperar o crescimento econômico do país. Ou seja, políticas de desenvolvimento que fogem do padrão economicista encontrado em políticas tradicionalmente praticadas.

Nesse sentido, apesar da difícil operacionalização de suas idéias, da dificuldade em realizar um objetivo que se apresenta muito distante, como tornar as pessoas agentes de sua própria vida e obter a igualdade das liberdades substantivas, as idéias de Sen podem ser consideradas como o ponta-pé inicial para uma mudança de perspectiva. Enfim, começar a enxergar os indivíduos como fins em si mesmos e não mais como meios para outros fins foi, sem dúvida, a contribuição maior de Sen.

Referências

- DOMINGUES, José Maurício. Amartya Sen, a liberdade e o desenvolvimento. **NOVOS ESTUDOS**, n.65, p.57-70 , 2003.
- FUKUDA-PARR, Sakiko. **Operacionalizando as idéias de Amartya sobre capacidade.** Set 2002. Disponível em: <http://soo.sdr.sc.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=70> Acesso em: 04 set. 2008.
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico.** Rio de janeiro, Paz e Terra, 1974.
- MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 228p
- PINTO, Celi Regina Jardim. **Teorias da Democracia**: diferenças e identidades da contemporaneidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 118p.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (**PNUD**). Site construído e mantido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, [2003]. Disponível em: < http://www.pnud.org.br> Acesso em: 02 dez. 2006.
- SEN, Amartya Kumar. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999. 409p.
- SEN, Amartya Kumar. **Desigualdade Reexaminada**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 297p.
- SEN, Amartya Kumar. O desenvolvimento como expansão das capacidades.**LUA NOVA:** Revista de Cultura e Política, n.28/29, p.313-333, 1993.
- VEIGA, José Eli da.. **A insustentável utopia do desenvolvimento.** Jun. 1991 Disponível em: <www.econ.fea.usp.br/zeeli/>. Acesso em: 24 nov 2007.
- VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável** - O desafio do Sec. XXI. Rio de Janeiro, Garamond, 2005. 226p.